

LIBERALISMO E AS MODIFICAÇÕES DAS RELAÇÕES GERACIONAIS

Lucas de Almeida Semeão¹

Resumo

O presente artigo tem o objetivo de realizar uma discussão acerca da sensação de atemporalidade nas sociedades liberais e de que forma essa sensação vem modificando a harmonia geracional. Por meio de livros dos mais diversos campos das ciências sociais, artigos, materiais jornalísticos e de vídeo, será evidenciado que o antinatalismo, os movimentos pela descriminalização do aborto, o desenvolvimento de certos ramos da genética humana e as demandas mais recentes do movimento *childfree* podem ser vistos, em partes, como sintomas da sensação de descontinuidade temporal e geracional. Por outro lado, também será mostrado como a rejeição *a priori* do conhecimento empírico vem afetando a harmonia entre jovens e idosos. No entanto, esses efeitos promovidos nas sociedades liberais, sobretudo de viés progressista, não devem ser encarados como uma conspiração dos jovens contra as potenciais gerações futuras e os idosos, mas, sim, como desdobramentos sociais não planejados, originados das ações individuais deliberadas.

Palavras-chave: Liberalismo; Progressismo; Relações geracionais; Idoso; Jovem

Abstract

This article aims to discuss the feeling of timelessness in liberal societies, and how this feeling has been modifying generational harmony. Through books from the most diverse fields of social sciences, articles, journalistic and video materials, it will be evidenced that anti-natalism, movements for the decriminalization of abortion, the development of certain branches of human genetics and the most recent demands of the *childfree* movement, can be seen, in part, as symptoms of the sensation of temporal and generational discontinuity. On the other hand, it will also be shown how the *a priori* rejection of empirical knowledge has been affecting harmony between young and old. However, these effects promoted in liberal societies, especially those with a progressive bias, should not be seen as a conspiracy of young people, against potential future

¹ Mestre e doutorando, Departamento de História da UNESP de Franca. Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” – UNESP, *campus* de Franca. doutorando pelo Departamento de História da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (UNESP), *campus* de Franca (SP-BR). lucas.semeao@unesp.br

generations and the elderly, but rather as unplanned social developments, originating from deliberate individual actions.

Keywords: Liberalism; Progressivism; Generational relationships; Old man; Young.

Introdução

As sociedades liberais vêm promovendo a sensação de atemporalidade, fenômeno evidenciado por intelectuais renomados, como Alexis de Tocqueville, C. S. Lewis, Michel Maffesoli, Nicole Aubert, Zygmunt Bauman, Anthony Daniels (Theodore Dalrymple) e Patrick J. Deneen. Na primeira parte deste trabalho, será realizada uma discussão acerca deste fenômeno por meio dos livros desses autores. Em seguida, nas duas partes subsequentes, o objetivo principal é verificar empiricamente se essa sensação de atemporalidade vem afetando a harmonia geracional, bem como, no caso afirmativo, de que forma se dá. Na conclusão, será feito um balanço dos resultados obtidos e alguns breves comentários adicionais.

Pelo Individualismo Metodológico, serão analisadas as “*consequências das ações não intencionadas das ações humanas intencionadas*” (HAYEK, 2013, p. 13.),² isto é, os acontecimentos não planejados das ações humanas deliberadas (BOUDON, 1995, p. 27-63; MISES, 2010, p. 57-99.). O *corpus* documental deste trabalho é heterogêneo e é composto por livros acadêmicos das mais diversas áreas das ciências sociais, artigos revisados por pares, reportagens de jornais variados e material em vídeo. Aponta-se, a seguir, o que alguns autores escreveram sobre essa sensação de atemporalidade nos círculos e sociedades mais liberais.

Liberalismo e a experiência do tempo fraturado

Nas sociedades ocidentais antigas e medievais, os aristotélicos e escolásticos acreditavam que os homens faziam parte de uma ordem natural, universal e atemporal, que conduzia a experiência do homem na vida terrena. A natureza humana seria apenas um prolongamento das leis naturais, e acreditava-se que o homem possuía um *telos*, um objetivo fixo, dado pela natureza e imutável (DENEEN, 2020, p. 61.). Cabia a cada um se ajustar às leis supraindividuais da ordem natural ou divina, o que promovia uma relação passiva em relação ao meio. Havia a noção de livre arbítrio, mas os principais pensadores dessa época, como Aristóteles e São Thomas de Aquino, acreditavam que se alguém agisse livremente contra a natura, o resultado seria desfavorável individual e

² Tradução nossa.

coletivamente, dada a condição de imutabilidade da natureza humana e seu estado de prolongamento da ordem natural. Além disso, eles foram defensores e difusores da veracidade da relação causal e da ética proveniente da metafísica. Ambos prescreveram formas de melhorar a experiência de vida humana, a partir de uma adequação do comportamento às leis naturais (ARISTÓTELES, 2018.) ou divinas (AQUINO, 2018.). Essa adequação seria possível por meio da prática das virtudes.

A modernidade, no entanto, subverteu todas essas noções consideradas basilares até o fim do Antigo Regime. Desde a Renascença, a partir dos primeiros avanços científicos e tecnológicos mais sofisticados, o homem começou a imaginar a possibilidade de transformar, se sobrepor e conquistar a natureza por intermédio da ciência. Essa postura, agora mais ativa em relação ao meio, gerou, conseqüentemente, novas proposições no campo da ética. Patrick J. Deneen chamou esse processo de primeira onda liberal, representada hoje, de acordo com ele, pelos conservadores:

O pensador protoliberal que inaugurou a primeira onda de transformação liberal foi Francis Bacon. Assim como Hobbes (que foi secretário de Bacon), ele atacou a antiga compreensão aristotélica e tomista da natureza e da lei natural e defendeu a capacidade humana de “dominar” ou “controlar” a natureza – chegando a reverter os efeitos da Queda humana, incluindo até mesmo a possibilidade de superar a mortalidade humana (DENEEN, 2020, p. 62-63).

A segunda onda do liberalismo, que seria representada hoje, segundo o autor, pelos progressistas, teria promovido mais uma mudança abrupta: a relativização da noção de natureza humana. Continua Patrick J. Deneen:

A segunda onda dessa revolução tem início com crítica explícita a essa visão de humanidade. Pensadores que vão de Rousseau a Marx, de Mill a Dewey, e de Richard Rorty aos contemporâneos “transhumanistas” rejeitam a ideia de que a natureza humana seja fixa. Eles adotam a ideia dos teóricos da primeira onda de que a natureza está sujeita à conquista humana e a aplicam à própria natureza humana (2020, p. 63).³

Esse aperfeiçoamento da capacidade de sanar necessidades cada vez mais rápido, por meio da ciência e da tecnologia, teria provocado um efeito não planejado: a alteração da percepção temporal e da relação individual do sujeito com o passado, o presente e o futuro. As representações simplificadas do tempo também foram modificadas: nas sociedades ocidentais medievais e do antigo regime, o tempo era projetado no formato circular, uma característica das nações ou comunidades tradicionalistas, que rememoram ciclicamente os feitos do passado. Em contrapartida, as sociedades modernas, a partir do

³ Clive Staples Lewis chamou este processo de “A abolição do Homem” (LEWIS, 2017.).

século XVIII, adotaram o modelo espiralado ou o linear e, posteriormente,⁴ na pós-modernidade, o “pontilhista”, como chamou o sociólogo Michel Maffesoli (2000, p. 16.), ou “pontuado”, um sinônimo usado pela psicóloga Nicole Aubert (2003, p. 187 e 193.). O filósofo Zygmunt Bauman também notou essa caracterização do tempo, que seria:

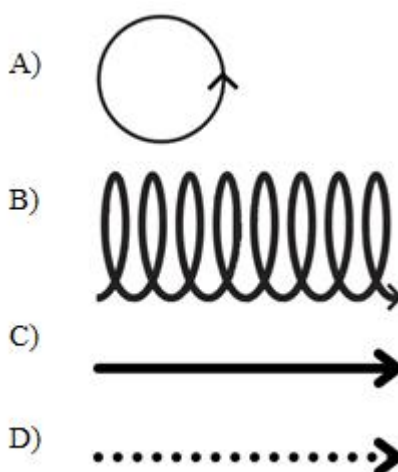
[...] marcado tanto (se não mais) pela profusão de *rupturas e descontinuidades* (grifo do autor), por intervalos que separam pontos sucessivos e rompem os vínculos entre eles, quanto pelo conteúdo específico desses pontos. O tempo pontilhista é mais proeminente por sua inconsistência e falta de coesão do que por seus elementos de continuidade e constância; nessa espécie de tempo, qualquer continuidade ou lógica causal capaz de conectar pontos sucessivos tende a ser inferida e/ou construída na extremidade final da busca retrospectiva por inteligibilidade e ordem, estando em geral conspicuamente ausente entre os motivos que estimulam o movimento dos atores entre os pontos. O tempo pontilhista é fragmentado, ou mesmo pulverizado, numa multiplicidade de “instantes eternos” – eventos, incidentes, acidentes, aventuras, episódios –, mônadas contidas em si mesmas, parcelas distintas, cada qual reduzida a um ponto cada vez mais próximo de seu ideal geométrico de não-dimensionalidade (BAUMAN, 2008, p. 46).⁵

A seguir, apresenta-se uma representação dos quatro modelos, em que A seria as sociedades tradicionalistas, que proporcionam uma sensação de conexão temporal e geracional muito alta; B seria as conservadoras, nas quais a sensação de conexão temporal e geracional também é alta; C corresponderia às sociedades progressistas do século XIX, nas quais seus cidadãos possuíam uma sensação moderada de conexão temporal; e D representaria as sociedades progressistas pós-modernas, que proporcionariam uma sensação psicológica de atemporalidade:

⁴ O movimento de maio de 68 consolida a inauguração, a nosso ver, dessa nova projeção metafórica do tempo.

⁵ Complementa Bauman: “Hoje se acredita que cada ponto do tempo seja impregnado da possibilidade de um outro big-bang, e que pontos sucessivos também o sejam, não importando o que tenha acontecido aos anteriores e a despeito da experiência acumulada de forma contínua que mostra que a maioria das chances tende a ser prevista de maneira errônea ou perdida, enquanto a maioria dos pontos se mostra estéril e a maior parte dos movimentos, natimorta. Um mapa da vida pontilhista, se fosse desenhado, apresentaria uma estranha semelhança com um cemitério de possibilidades imaginárias, fantasiosas ou amplamente negligenciadas e irrealizadas. Ou, dependendo do ponto de vista, sugeriria um cemitério de oportunidades desperdiçadas: num universo pontilhista, as taxas de mortalidade infantil das esperanças, assim como as de aborto natural ou provocado, são muito elevadas” (BAUMAN, 2008, p. 46-47.).

FIGURA 1 – Modelos sociais



Fonte: Elaboração própria

A capacidade de sanar necessidades cada vez mais rápido, por meio da ciência e da tecnologia, com ajuda do sistema capitalista, aparentemente produziu, ainda, outro efeito colateral: acostumou a todos a buscarem frequentemente o saciamento imediato das necessidades, produzindo uma “cultura da urgência” (AUBERT, 2003.) de indivíduos efêmeros, o que frequentemente acabaria desestimulando a busca dos benefícios que somente podem ser adquiridos mediante esforço prolongado:

O consumismo, em aguda oposição às formas de vida precedentes, associa a felicidade não tanto à satisfação de necessidades (como suas "versões oficiais" tendem a deixar implícito), mas a um volume e uma intensidade de desejos sempre crescentes, o que por sua vez implica o uso imediato e a rápida substituição dos objetos destinados a satisfazê-la. Ele combina, como Don Slater identificou com precisão, a insaciabilidade dos desejos com a urgência e o imperativo de "sempre procurar mercadorias para se satisfazer". Novas necessidades exigem novas mercadorias, que por sua vez exigem novas necessidades e desejos; o advento do consumismo augura uma era de "obsolescência embutida" dos bens oferecidos no mercado e assinala um aumento espetacular na indústria da remoção do lixo.

A instabilidade dos desejos e a insaciabilidade das necessidades, assim como a resultante tendência ao consumo instantâneo e à remoção, também instantânea, de seus objetos, harmonizam-se bem com a nova liquidez do ambiente em que as atividades existenciais foram inscritas e tendem a ser conduzidas no futuro previsível. Um ambiente líquido-moderno é inóspito ao planejamento, investimento e armazenamento de longo prazo. De fato, ele tira do adiamento da satisfação seu antigo sentido de prudência, circunspeção e, acima de tudo, razoabilidade. A maioria dos bens valiosos perde seu brilho e sua atração com rapidez, e se houver atraso eles podem se tornar adequados apenas para o depósito de lixo, antes mesmo de terem sido desfrutados. E quando graus de mobilidade e a capacidade de obter uma chance fugaz na corrida se tornam fatores importantes no que se refere à posição e ao respeito, bens volumosos mais parecem um lastro irritante do que uma carga preciosa (BAUMAN, 2008, p. 44-45).

As sociedades liberais promoveriam a sensação não apenas teleológica de progresso, mas também a de que podemos viver em um eterno tempo presente,

desvinculando-se do passado, visto por muitos como obscurantista e do futuro, um espaço de imprevisibilidade. Curiosamente, esse presenteísmo e futurismo filosóficos se relacionariam sem contradições. Patrick J. Deneen dá uma explicação desta compatibilidade:

O desenvolvimento do progressismo dentro do liberalismo é apenas uma versão mais avançada desse imediatismo generalizado, uma espécie de atemporalidade convertida em arma. Assim como o liberalismo clássico, o progressismo se baseia em uma profunda hostilidade ao passado, particularmente à tradição e aos costumes. Embora seja amplamente visto como voltado para o futuro, ele (o progressismo) na verdade se apoia em presunções simultâneas de que as soluções contemporâneas devem ser libertadas de respostas do passado. O futuro é um país desconhecido, e aqueles que vivem em um presente que traz arraigado em si uma hostilidade pelo passado devem adquirir uma indiferença em relação a um futuro que não pode ser conhecido, mantendo nele apenas uma simples fé. Aqueles que veem o tempo tendo como guia uma crença desse tipo devem implicitamente compreender que suas conquistas estão destinadas à lata de lixo da história, dado que o futuro nos verá como retrógrados e necessariamente superados. Cada geração deve viver por si (DENEEN, 2020, p. 105-106).

Desta forma, a experiência linear do tempo nas sociedades liberais contemporâneas, em especial as progressistas pós-modernas, seria fraturada. Alexis de Tocqueville também percebeu esse fenômeno, característico das democracias igualitaristas e antitradicionalistas, já no século XIX, ao analisar o individualismo nos países democráticos. Diferentemente das sociedades aristocráticas, aduz Tocqueville:

Nas eras democráticas, ao contrário, em que os deveres de cada indivíduo para com a espécie são muito mais claros, a dedicação para com um homem se toma cada vez mais rara: o vínculo das afeições humanas se estende e se relaxa. Nos povos democráticos, novas famílias saem sem cessar do nada, outras nele caem sem cessar, e todas as que permanecem mudam de fisionomia; a trama dos tempos se esgarça a cada instante, e o vestígio das gerações se apaga. As pessoas esquecem facilmente os que precederam, e não têm a menor ideia dos que sucederão. Apenas os mais próximos interessam. Como cada classe se aproxima das outras e se mistura com elas, seus membros se tornam indiferentes e como que estranhos uns aos outros. A aristocracia fizera de todos os cidadãos uma longa cadeia que ia do campônio ao rei; a democracia rompe a cadeia e põe cada elo à parte.

À medida que as condições se igualam, encontramos um número maior de indivíduos que, apesar de já não serem ricos nem poderosos o bastante para exercer uma grande influência sobre a sorte de seus semelhantes, adquiriram ou conservaram luzes e bens suficientes para poderem se manter por si sós. Não devem nada a ninguém, não esperam, por assim dizer, nada de ninguém; acostumam-se a se considerar sempre isoladamente, imaginam de bom grado que seu destino inteiro está em suas mãos.

Assim, não apenas a democracia faz cada homem esquecer de seus ancestrais, mas lhe oculta seus descendentes e o separa de seus contemporâneos; ela o volta sem cessar para si mesmo e ameaça encerrá-lo, enfim, por inteiro, na solidão de seu próprio coração (TOCQUEVILLE, 2004, p. 120-121).

Esse egoísmo,⁶ um efeito colateral das sociedades liberais democráticas, geraria uma ética que facilitaria a vazão dos desejos efêmeros e casuais, desencorajando o sacrifício a longo prazo, orientado pelas virtudes clássicas, anteriormente vistas como uma forma de obter a liberdade por meio do autocontrole:

Quando se acostumam a não se preocupar mais com o que deve suceder depois de sua vida, vemo-los cair facilmente nessa indiferença completa e brutal com respeito ao futuro, que é plenamente conforme a certos instintos da espécie humana. Assim que perdem o costume de pôr suas maiores esperanças no longo prazo, são naturalmente levados a querer realizar sem demora seus menores desejos e parece que, a partir do momento em que perdem a esperança de viver uma eternidade, ficam dispostos a agir como se não fossem existir mais que um dia.

Nas eras de incredulidade, é sempre de temer, portanto, que os homens se entreguem sem cessar ao acaso cotidiano de seus desejos e que, renunciando inteiramente a obter o que não se pode adquirir sem longos esforços, não fundam nada de grande, tranqüilo e duradouro (TOCQUEVILLE, 2004, p. 183-184).

Isso vem gerando, desde o século XIX, profundas modificações na forma como os saberes produzidos fora do tempo presente são concebidos. O ofício do historiador, por exemplo, se tornou muito mais uma política retrospectiva, a partir de uma história denúncia, que destinado a nos livrar da ingenuidade de viver, nas palavras do sociólogo Michel Maffesoli, em um “instante eterno” (MAFFESOLI, 2003.). O médico psiquiatra Anthony Daniels (Theodore Dalrymple) refletiu sobre o motivo de se preferir ver os desastres da História às suas realizações:

Se a história é, de fato, nada mais que o registro de extremas perversidades, então nada temos a aprender, exceto que nós, pessoas de indiscutível boa vontade, devemos fazer as coisas de forma diferente no futuro – fazer tudo diferente. As reflexões morais das pessoas do passado nada mais eram que um expediente para disfarçar a sua má conduta em grande escala – pura hipocrisia, na verdade. Nas palavras do doutor Johnson, discutiam como anjos, mas se comportavam como homens, e honravam os seus preceitos mais na transgressão do que na observância. Na ausência de qualquer concepção religiosa de pecado original (em comparação a uma concepção histórica de injustiça fundacional, tal como o genocídio tasmaniano), por meio da qual a imperfectibilidade do homem pudesse ser aceita, mas sem absolvê-lo da necessidade de individualmente se esforçar para ser virtuoso, tanto uma

⁶ É preciso diferenciar o egoísmo do individualismo. Diz Tocqueville: “O individualismo é uma expressão recente que uma nova ideia fez surgir. Nossos pais só conhecem o egoísmo. O egoísmo é um amor apaixonado e exagerado, que leva o homem a referir tudo a si mesmo e a se preferir a tudo o mais. O individualismo é um sentimento refletido e tranqüilo, que dispõe cada cidadão a se isolar da massa de seus semelhantes e a se retirar isoladamente com sua família e seus amigos; de tal modo que, depois de ter criado assim uma pequena sociedade para seu uso, abandona de bom grado a grande sociedade a si mesma. O egoísmo nasce de um instinto cego; o individualismo procede muito mais de um juízo errôneo do que de um sentimento depravado. Nasce tanto dos defeitos do espírito quanto dos vícios do coração. O egoísmo resseca o germe de todas as virtudes, o individualismo só esgota, a princípio, a fonte das virtudes públicas; mas, com o tempo, ataca e destrói todos as outras e termina se absorvendo no egoísmo. O egoísmo é um vício tão antigo quanto o mundo. Não pertence mais a uma forma de sociedade do que a outra. O individualismo é de origem democrática, e ameaça desenvolver-se à medida que as condições se igualam” (TOCQUEVILLE, 2004, p. 119.).

perfeita consistência moral quanto um completo amoralismo se tornam o padrão de julgamento. E claro, aqueles que ainda acreditam na concepção religiosa do pecado original, mesmo como metáfora, são atualmente muito poucos, ao menos entre a classe de pessoas que estabelece o tom intelectual e moral da sociedade como um todo. Seja o amoralismo ou o perfeccionismo a ser escolhido como padrão, isso gera uma grande vantagem: liberta-nos do peso do passado. Livres de qualquer mancha herdada, não temos apenas o direito, mas o dever de fazer tudo do nosso jeito, sem a menor referência àquilo que terceiros já pensaram. Somos átomos morais a nos mover no vácuo, para os quais o passado nada significa, ou ao menos nada que seja positivo ou que mereça ser imitado, ou mesmo mantido. Em vez disso, o passado é algo a ser evitado a todo custo, para que não infecte mais ninguém com os seus crimes e a sua insensatez (DALRYMPLE, 2015, p. 19-20).

Na contemporaneidade, nomeada por muitos de “pós-modernidade” e por Bauman de “modernidade líquida” (BAUMAN, 2001.), as heranças do egoísmo e do imediatismo foram perpetuadas, mas agora os seres humanos possuem maior capacidade tecnológica, científica e médica de moldarem profundamente a natureza, seus próprios corpos e as potenciais gerações futuras. Pouco se fala das virtudes; o preconceito é *aprioristicamente* condenado e o relativismo normativo *ruim*⁷ vem se tornando a base da orientação moral e ética.

Portanto, as sociedades liberais, em especial as progressistas, teriam proporcionado a criação da versão contemporânea do homem bestial, escravo dos seus próprios desejos imediatos, mas ao mesmo tempo tirano, pelas externalidades negativas causadas pela falta de autocontrole, anteriormente freadas e contrabalanceadas pelo ensino das virtudes. As sociedades liberais libertaram os indivíduos da sensação do tempo contínuo, dos “contratos sociais históricos”, das memórias coletivas, da capacidade de fazer sacrifícios, promessas e honrar acordos prolongados, enxergando os diversos elementos das culturas tradicionais e locais, bem como os preconceitos não perversos difundidos por elas, como empecilhos à obtenção da liberdade individual, que deveria somente ser limitada pelo sistema jurídico e de segurança do estado democrático de direito.⁸ Logo, as sociedades liberais vêm promovendo a sensação de atemporalidade, fenômeno evidenciado pelos intelectuais citados. Cabe, doravante, mostrar como essa sensação tem modificado as relações geracionais, o principal objetivo deste trabalho e o que constitui sua singularidade.

⁷ Raymond Boudon explica a diferença entre o relativismo *ruim* e o *bom*: “O bom relativismo atraiu a atenção para o fato de as representações, as normas e os valores variarem segundo os meios sociais, as culturas e as épocas. O relativismo ruim concluiu disso que as representações, as normas e os valores são destituídos de fundamento: que são construções humanas inspiradas pelo meio, pelo espírito do tempo, por paixões, interesses ou instintos. Atribuir uma objetividade às representações, aos valores e às normas seria sempre uma ilusão” (BOUDON, 2010, p. 7.).

⁸ Aliás, existe uma relação diretamente proporcional entre egoísmo, estatismo e os custos de vida (DENEEN, 2020, p. 71-93.).

As potenciais gerações futuras nas sociedades liberais

Algumas vertentes do antinatalismo, por exemplo, podem ser encaradas, em partes, como produtos de uma experiência de tempo fraturado, mas também como produtos da desnaturalização dos comportamentos, condições e fases humanas, promovida pela segunda onda do liberalismo. A indiferença em relação às outras gerações, incluindo a futura, o egoísmo, o hedonismo e o imediatismo, produtos da ética liberal progressista, pode promover o desinteresse pela procriação, cada vez mais vista na contemporaneidade como um empecilho às realizações individuais. Isso explica, parcialmente, mas não unicamente, a diminuição da taxa bruta de natalidade e fecundidade nas sociedades liberais nos últimos anos.

Diante das obrigações, responsabilidades e dificuldades de criar a prole, um número crescente de pessoas, sobretudo a partir dos anos 60, decidiu não ter filhos ou tê-los em menor quantidade. A revolução sexual, fomentada pelo movimento de contracultura, promoveu a utilização de diversos métodos contraceptivos, como o preservativo plástico, a “tabelinha”, a pílula anticoncepcional e a “pílula do dia seguinte”, proporcionando aos indivíduos a possibilidade de se livrarem de futuros compromissos etários.

O liberalismo ético, portanto, alterou a forma como nos relacionamos com os indivíduos das potenciais gerações futuras, que passaram a serem vistos, não raramente, como um empecilho à felicidade pessoal dos já nascidos. Com o desenvolvimento da medicina, que possibilitou o surgimento de diversos métodos contraceptivos, as futuras gerações se tornaram “*os pacientes ou objetos do poder exercido por aqueles que já estão vivos*” (LEWIS, 2017, p. 56.).

Algumas vertentes do ativismo pela descriminalização do aborto podem ser compreendidas pela mesma ótica. Através da defesa da ética liberal, que é capaz de alterar, se assim desejarmos ou permitirmos, nossa relação com o tempo, promovendo a sensação de atemporalidade, o ativismo pela descriminalização do aborto se tornou um movimento por maior liberdade individual e maior poder de controle sobre as potenciais gerações futuras.

Além disso, as duas ondas do liberalismo e o trauma com o discurso darwinista aplicado às ciências sociais, que virou política de Estado na Alemanha nazista, conduziram a uma crescente “desbiologização” do pensamento, sobretudo após a década de 60. Práticas que sempre foram consideradas naturais e inatas à natureza humana,

comportamentos, escolhas ou fases da vida anteriormente tidas como inerentes à experiência humana passaram a ser compreendidas na contemporaneidade como demasiado estranhas.

Ainda que todos os que já passaram pela terra tenham nascido de um ventre, dar à luz tem sido cada vez mais visto com estranheza nas sociedades liberais progressistas. Essa sensação pode ser compreendida com a leitura de um trecho do livro “O segundo sexo”, de Simone de Beauvoir, que faz uma reflexão acerca do descobrimento sexual feminino:⁹

Eis por que, muito mais ainda que os irmãos, a menina se preocupa com os mistérios sexuais; eles também se interessam apaixonadamente por isso, mas, em seu futuro, o papel de marido, de pai, não é aquilo com que mais se preocupam; no casamento, na maternidade é todo o destino da menina que é posto em xeque; e logo que ela principia a pressentir-lhe os segredos, o próprio corpo apresenta-se a ela odiosamente ameaçado. A magia da maternidade dissipou-se; que tenha sido informada mais ou menos cedo, de maneira mais ou menos coerente, já sabe que o filho não surge por acaso no ventre materno e que não é com um golpe de vara de condão que daí sai. Ela interroga-se com angústia. Muitas vezes parece-lhe maravilhoso, mas horrível que um corpo parasita deva proliferar dentro de seu corpo; a ideia dessa monstruosa inchação apavora-a. E como sairá o bebê? Mesmo se ninguém lhe falou dos gritos e sofrimentos da maternidade, ela ouviu palavras e leu o trecho da Bíblia: "Conceberás na dor"; ela pressente torturas que não seria capaz de imaginar sequer; inventa estranhas operações na região do umbigo; supõe que o feto será expulso pelo ânus e isso não a tranquiliza muito mais. Viu-se meninas terem ataques de constipação neurótica quando pensaram haver descoberto o processo do nascimento. Explicações exatas não serão de grande valia: as imagens de inchaço, de ferimento, de hemorragia irão obsidiá-la. A menina será tanto mais sensível a essas visões quanto mais imaginação tiver; mas nenhuma poderá olhá-las de frente sem tremer. Colette conta que a mãe a encontrou desfalecida porque ela, Colette, lera em Zola a descrição de um nascimento (BEAUVOIR, 1967, p. 40).

Algumas vertentes do ativismo pela descriminalização do aborto podem ser vistas através dessa lente de compreensão. Nas sociedades liberais, as futuras gerações são recorrentemente enxergadas, desde a concepção, como inconvenientes ou indesejáveis à obtenção da felicidade pessoal. Isso gerou, portanto, a necessidade de controlar quando, em que circunstâncias ou até mesmo quem poderia, ou não, vir ao mundo, significando o aumento do poder das gerações precedentes sobre as posteriores.¹⁰

⁹ O excerto, ao nosso ver, revela mais sobre as percepções da autora acerca da maternidade do que do coletivo abstrato que ela pretendeu falar em nome.

¹⁰ Sobre isso, diz C. S. Lewis: “[...] quanto mais tarde vem uma geração final – quanto mais próxima ela vive daquela época em que as espécies serão extintas - menos poder ela terá de avanço, porque os seus objetos [de manipulação] estarão reduzidos. Por isso, não há dúvida de que há um poder investido na raça como um todo que estará em constante crescimento, enquanto a raça sobreviver. Mas os últimos homens, longe de serem os herdeiros do poder, serão todos homens sujeitos ao extremo, à mão morta dos grandes planejadores e manipuladores e eles mesmos exercerão menos poder sobre o futuro” (2017, p. 58.).

O apogeu desse controle geracional não é promovido por meio do antinatalismo, dos métodos contraceptivos ou do aborto, mas das experiências eugênicas, timidamente desenvolvidas em alguns laboratórios nos dias de hoje, depois dos traumas da era dos extremos:

A revelação das atrocidades nazistas desacreditou a eugenia científica e eticamente, e fez com que a palavra desaparecesse abruptamente do uso. No entanto, a eugenia não desapareceu, mas se refugiou em muitos casos sob o rótulo "genética humana". O laboratório de Cold Spring Harbor é dirigido hoje por um dos descobridores da estrutura de dupla hélice do DNA, o geneticista James Watson, que vem propagando ideias claramente eugênicas. Avanços científicos vêm sendo direcionados à identificação de "indesejáveis", como a utilização de exames que detectam doenças genéticas por companhias de seguro e planos de saúde e o uso de bancos de DNA no controle de imigração (GUERRA, 2006, p. 5).

Por fim, o surgimento da *National Organization for Non-Parents*, em 1972, nos EUA e a expansão do movimento *childfree* são exemplos interessantes que evidenciam como a sensação de fratura temporal modificou as relações etárias nas sociedades liberais, fratura essa intensificada, sobretudo, a partir do surgimento do movimento de contracultura.

Inicialmente, o movimento *childfree* era composto por indivíduos que escolhiam não ter filhos. Todavia, uma de suas bandeiras mais recentes é a luta pela liberdade dos adultos de frequentarem espaços de sociabilidade privados, proibidos para crianças. Não apenas a rejeição reprodutiva, mas inclusive o incômodo na presença de crianças vem sendo cada vez mais comum nas sociedades libero-progressistas (BLACKSTONE, 2019; [KATEŘINA](#), 2020; GIRAUD, 2021.).

A empresa “*Japan Airlines*”, por exemplo, avisa antecipadamente seus clientes sobre a presença de crianças entre 8 dias e 2 anos em determinados assentos do avião nas compras de passagens pelo site, no intuito de amenizar a situação estressante que as que crianças podem, eventualmente, causar aos passageiros adultos (COMPANHIA, 2019.):

FIGURA 2 – Sinalização dos assentos ocupados por crianças

About seat selection

Seat selection is available up to 15 minutes prior to the scheduled departure time of your flight.

The image shows a flight booking interface for JAL1450. On the left, there are two panels: 'Select seats when booking your flights.' and 'Infant's seat icon will be shown for seats for infant.' The main area displays a seat map with columns A, C, D, E, G, H, K and rows 1-23. A legend on the right explains the seat icons: Unselectable (Class 2), Economy Class, Unselectable (Economy Class), Occupied with infant, Switched, Priority for adults with two infants, Extra foot room, Seat requiring coordination, and No window. The current selected class is Economy Class.

Fonte: Elaboração por Companhia, 2019

Alguns hotéis têm seguido a mesma tendência e comunidades ou páginas em redes sociais, as quais contam com milhares de seguidores, reúnem adeptos e simpatizantes de movimentos com essas mesmas características.

Através da lente de observação que está sendo usada neste artigo, os adeptos do *childfree* podem ser compreendidos, portanto, como indivíduos imersos na experiência do tempo fraturado, destituídos da sensação de compatibilidade geracional. Cabe, a seguir, mostrar como essa sensação tem interferido nas relações entre jovens e idosos.

As gerações mais velhas nas sociedades liberais

Em muitas culturas tradicionais, como a católica ou algumas indígenas,¹¹ a velhice é relativamente bem-vista (BEAUVOIR, 2018, p. 43-225.), pois a necessidade do conhecimento empírico é fundamental em sociedades de baixa expectativa de vida, fazendo com que o idoso seja visto como um sábio que, por meio da sua sapiência, conquistou a longevidade. No entanto, os avanços médicos contemporâneos proporcionaram a diminuição da mortalidade e o aumento da longevidade, fazendo com que a oferta de conhecimento empírico se tornasse maior que tempos anteriores.

Além disso, o conhecimento proveniente do método científico se tornou o tipo de conhecimento com o maior nível de confiabilidade, dado o aumento da qualidade de vida por ele proporcionado. O conhecimento empírico, deste modo, perdeu utilidade social nas

¹¹ Nas sociedades ameríndias antigas, as figuras do pajé e do cacique podem ser destacadas como bons exemplos.

sociedades libero-progressistas e o tipo social do velho sábio não proporciona mais tanta simpatia como já proporcionou nas sociedades ocidentais. Esse personagem, muito comum na literatura de diversas culturas, praticamente desapareceu: os jovens heróis trágicos da modernidade não precisam, aparentemente, dos seus conselhos.

Os velhos sábios são formados na “universidade da vida” e não possuem tempo para filosofar ou fazer ciência, pois, para isso, precisariam do ócio, tão fundamental para a atividade científica e filósofos. Em vez disso, suas conclusões partem, sobretudo, não da reflexão filosófica, nem do método científico, mas principalmente do acúmulo de experiências, individual e coletiva, bem como a dos mortos. Certamente, a velhice não era vista totalmente como desvantajosa nessas sociedades.

É nítido, em contrapartida, o processo de jovialização da cultura ocidental a partir da década de 60 do século XX, sobretudo com o advento do rock n’ roll. Por meio da música, o jovem consolidou sua hegemonia estética e comportamental. A ética liberal vem promovendo a jovialização da cultura de uma forma tão intensa que até mesmo as demarcações culturais etárias estão sendo manifestadas cada vez mais cedo: em junho de 2021, a chamada geração *millennial* descobriu que está sendo acusada de ser *cringe* pela geração Z, uma gíria para designar algo constrangedor ou vergonhoso (O QUE, 2021.).¹²

Em alguns círculos menores, a expressão “jovialização” da cultura se tornaria até mesmo imprecisa: recentemente veio a público a notícia de que algumas pessoas, organizadas em comunidades, se vestem e fingem se comportarem como crianças, o que vem sendo chamado de “regressão infantil”. Alguns empreendedores, é claro, se aproveitaram do surgimento desse novo mercado consumidor: uma loja norte-americana chamada *Tykables* vende roupas, acessórios, fraldas e outros artigos comumente associados às crianças para adultos. A empresa tem filiais no Canadá, Reino Unido e Austrália. No Brasil, a primeira loja de “conforto sensorial e regressão de idade” é a *Crayon heart*. Os críticos, em contrapartida, estão sendo acusados de serem preconceituosos.

Aliás, é comum entre a mocidade se dizer que os idosos são preconceituosos, como se fosse útil, ou ao menos possível, viver sem preconceitos, fazendo tábula rasa durante a experiência vivida. Existem dois tipos de preconceito, a saber: o *empírico* e o *racionalista*. O preconceito empírico é um tipo de conhecimento não científico, de caráter

¹² As demarcações são imprecisas e divergentes, mas pode-se dizer que os *millenials* são as pessoas que nasceram entre o final dos anos 1980 e o fim dos anos 1990. Já os indivíduos da geração Z nasceram entre o fim dos anos 1990 e 2010.

generalista, surgido como consequência das necessidades humanas durante a experiência no tempo, a partir de um processo de tentativa e erro, resultando na formação das tradições. Em suma, é um tipo de preconceito *inevitável e necessário*.

O preconceito racionalista, em contrapartida, também de caráter generalista, é o preconceito contra o senso comum, propagado, normalmente, pelos sujeitos *excêntricos* (MILL, 2017, p. 156.),¹³ psicologicamente desconectados no sentido geracional, e orientados por mestres também excêntricos (JOHNSON, 2009.). Raymond Boudon denominou parte deles de *mestres da superstição* e citou três intelectuais como exemplo: Karl Marx (1818-1883), Friedrich Nietzsche (1844-1900) e Sigmund Freud (1856-1939) (BOUDON, 2005, p. 40-41.):

Em resultado destas convergências, as ciências humanas acabaram por ser consideradas por muitos dos seus representantes como obedecendo a um objetivo principal: descobrir e denunciar as divagações do senso comum. Os mestres da suspeição passaram então a dominar, em larga medida, a vida intelectual e em particular vastos sectores das ciências humanas, excluindo ou marginalizando os intelectuais próximos da tradição liberal (BOUDON, 2005, p. 39-40).¹⁴

Os discípulos desses intelectuais europeus se espalharam pelo além-mar e chegaram aos Novos Mundos:

Começarei por abordar o exemplo das minorias nos Estados Unidos. É um exemplo particularmente interessante na medida em que o problema das minorias está na origem de um surto de iliberalismo sem precedentes, penso eu, nos meios universitários americanos. A partir dos anos 70 do século XX, certos intelectuais americanos descobrem em êxtase os discípulos europeus dos mestres da suspeição: as maiores universidades americanas oferecem cursos sobre Althusser e sobre Foucault (BOUDON, 2005, p. 49).¹⁵

Os intelectuais aos quais Boudon se refere ensinam aos seus alunos que é bom não ter preconceitos, porque todos eles são, *a priori*, perversos, pois seriam uma ideologia ou um tipo de discurso criado, sustentado e difundido por grupos dominantes. Ensinam ser possível viver sem preconceitos, porque eles não seriam inatos, assim como nenhum outro valor, destituindo-os de inteligibilidade.

¹³ Escreve Mill sobre os indivíduos excêntricos e a excentricidade: “A excentricidade sempre foi abundante quando e onde abundou a força do caráter; e a medida de excentricidade na sociedade tem geralmente sido proporcional à medida da genialidade, vigor mental e coragem moral que nela se contém. Que tão poucos ou sem atualmente ser excêntricos marca o maior dos perigos do presente” (MILL, 2017, p. 156.).

¹⁴ A tradição liberal que Boudon cita é a que descende do iluminismo inglês. Continua mais à frente: “Uma consequência da implantação destes modelos explicativos merece ainda destaque: eles exaltam o papel do intelectual, único capaz de escapar ao muro da caverna e denunciar as ilusões do senso comum”. [...] “No entanto, o postulado segundo o qual a condição de intelectual autorizaria a ver no senso comum um pensamento falso que o intelectual teria vocação para corrigir continua em grande voga. Não só porque é lisonjeiro (para o intelectual, que não para o público em geral), mas também porque representa a pedra angular das filosofias da suspeição” (BOUDON, 2005, p. 42.).

¹⁵ O estruturalismo francês, por exemplo, tem grande aceitação nas universidades brasileiras desde os anos 1960 (ARANTES, 1994.).

Para acabar com o preconceito, esses mestres ensinam que o primeiro passo para a mudança social vem da transformação interna: seria necessário abdicar de todas as concepções previamente formuladas, que não foram confirmadas ao menos pela razão ou pela ciência e abandonar qualquer fundamento moral. O próximo passo seria “desconstruir” todo tipo de preconceito na sociedade, uma tarefa reconhecidamente árdua, vista por esses intelectuais como uma cruzada secular do bem contra o mal.

Ora, por meio desse esquema argumentativo, não seria introduzida uma dissonância cognitiva, mediante um relativismo normativo *ruim*, proporcionando a experiência do tempo fraturado que mencionei na primeira parte deste artigo?¹⁶ Alguns efeitos colaterais individuais dessa pedagogia foram discutidos pelo psiquiatra inglês Theodore Dalrymple (DALRYMPLE, 2015.). Entretanto, o que chama a atenção também são os efeitos colaterais coletivos não calculados das ações deliberadas. Raymond Boudon alertou sobre eles:

O perigo para a democracia provém também do facto de as ideias úteis e falsas¹⁷ exercerem uma influência indireta sobre os políticos e outros «decisores» que, passando por cima das mensagens que o senso comum lhes dita, tendem a confundir a opinião dos intelectuais, da comunicação social e das minorias ativas com a opinião pública.

[...] Não se trata, evidentemente, de defender que o senso comum tem sempre razão. A opinião de uma determinada parte do público pode ser enviesada pelo interesse individual, pelos interesses categoriais e por múltiplos outros fatores. O senso comum não está, evidentemente, vacinado contra os mecanismos cognitivos responsáveis pela implantação das ideias frágeis ou falsas que eu aqui procurei ilustrar com diversos exemplos. Mas o que não se pode aceitar é uma desconfiança de princípio contra o senso comum. Além de tal desconfiança não ter fundamento, de não haver nenhuma razão para supor que a consciência seja falsa por princípio, ela conduz inevitavelmente a que se ponha em causa a democracia (BOUDON, 2005, p. 97-98).

A ambição de viver sem qualquer preconceito, além de ser impossível e inútil, gera, necessariamente, o preconceito racionalista, um *a priorismo* que desqualifica o conhecimento advindo da experiência, um dos poucos atributos positivos que, antes do enraizamento do progressismo na cultura ocidental, o idoso possuía. Como será evidenciado a seguir, o preconceito contra o senso comum e o conhecimento empírico,

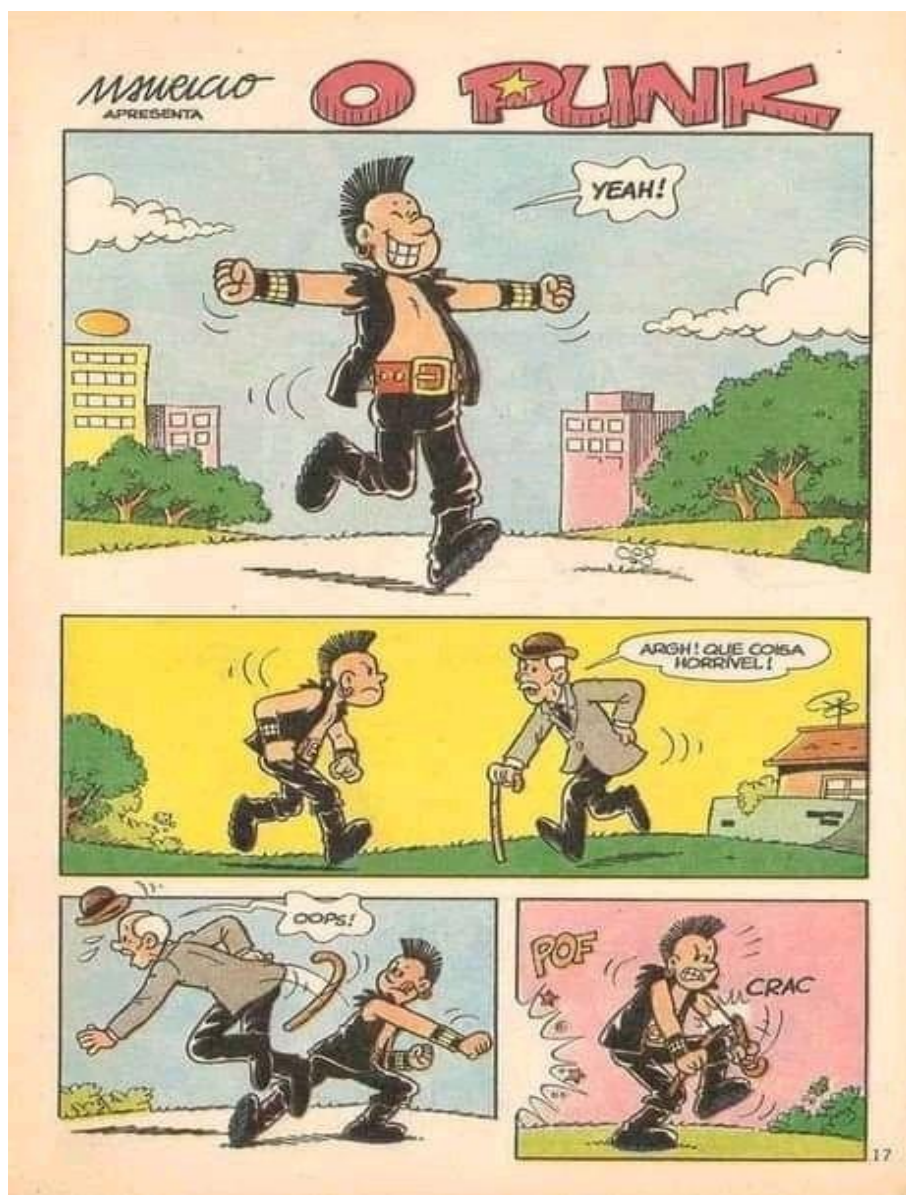
¹⁶ O que poderia causar problemas mais profundos se introduzido durante a formação psicológica do indivíduo.

¹⁷ Aqui, Boudon se refere à tipologia de Pareto, “segundo a qual qualquer teoria corresponde a uma das quatro combinações criadas pelos atributos útil-inútil e verdadeiro-falso representa uma ferramenta fundamental para a sociologia das ideias. As teorias verdadeiras e úteis têm todas as probabilidades de ser bem acolhidas, mas as teorias falsas e úteis também. Geralmente, as teorias verdadeiras e inúteis têm de esperar pacientemente até que se demonstre ou se perceba a sua utilidade: foi o caso da álgebra de Boole, cuja importância só se tomou verdadeiramente evidente quando, expressa eletronicamente, deu origem aos computadores. Só as teorias que são ao mesmo tempo falsas e inúteis entram sem oferecer grande resistência nos caixotes do lixo da história” (BOUDON, 2005, p. 95-96.).

que tira a utilidade social do idoso como conselheiro sábio e experiente, consequência da experiência do tempo fraturado das sociedades liberais, vem promovendo efeitos perversos, como a desarmonia geracional entre jovens e idosos. A seguir, serão mencionados quatro exemplos empíricos, para tentar comprovar essa tese por meio da análise de casos.

Leia o quadrinho a seguir, que estava circulando nas redes sociais, intitulado “O *punk*”:

FIGURA 3 – Quadrinho com diálogo alterado



Fonte: Elaboração por Pretao Opiniões, 2021.¹⁸

A primeira imagem exibe um jovem *punk* passeando de braços abertos em uma cidade arborizada, em um dia ensolarado, azulado e com nuvens, o que passa a sensação de vitalidade. A segunda imagem tem um tom oposto: o jovem, em uma região aparentemente mais humilde e afastada dos centros urbanos, em um plano de fundo amarelo com o céu limpo, avista um idoso, representado de traje formal, com dor nas costas e usando uma bengala. O velho, então, faz um comentário que desagrade o jovem

¹⁸ Essa imagem circulou nas redes sociais, no entanto as falas originais dos balões foram adulteradas pelo público.

e este, de punhos serrados, se prepara para atacá-lo. Na terceira imagem, em um plano de fundo novamente azulado como no primeiro quadro, o *punk* faz o idoso tropeçar e se espatifar no chão. Na quarta e última imagem, em um plano de fundo rosado, o jovem agarra a bengala, símbolo da velhice e a parte com o joelho. A história é um manifesto político que representou o jovem como um herói moderno e o velho como um vilão retrógrado, que no final foi derrotado e seu símbolo de poder, destruído.

Durante a pandemia de COVID-19, aliás, o etarismo teria se tornado mais evidente, segundo especialistas. De acordo com um artigo publicado na Revista de Saúde Pública da USP em 2021, que fez uma revisão sistemática de alguns trabalhos que relacionam a pandemia de COVID-19 com o aumento do etarismo, foi concluído que “a maioria das publicações indicam que o ageísmo sempre esteve presente, mas tornou-se mais evidente durante a pandemia da covid-19 como forma de discriminação contra idosos” (SILVA, M. F. *et al.*; 2021, p. 1.). Os especialistas ressaltam que “discursos “ageistas” podem influenciar negativamente na vida dos idosos e causar impactos sociais e psicológicos prejudiciais” (SILVA, M. F. *et al.*; 2021, p. 1.).

Evidentemente, esse aumento do etarismo não foi atribuído aos efeitos colaterais da ética libero-progressista pelos especialistas supracitados, mas, de acordo com as três evidências a seguir, é possível constatar indícios de que os conflitos geracionais foram intensificados, em alguma medida que não se consegue precisar, durante a pandemia,¹⁹ em decorrência da politização generalizada das discussões acerca da prevenção ou tratamento da COVID-19. Em agosto de 2020, após defender o uso da hidroxicloroquina no tratamento para a SARS-CoV-2 nas redes sociais, a cantora de *pop music* Madonna, aos 62 anos, sofreu retaliações e ofensas etaristas de críticos, entre eles fãs. O caso foi noticiado pela imprensa (SANTIAGO, 2020.).

Quatro meses depois, em dezembro de 2020, veio a público um dos melhores exemplos de etarismo, por meio do preconceito racionalista. Uma docente do quarto ano de uma escola pública da zona leste de Caxias do Sul, município do estado do Rio Grande do Sul, que teve seus áudios e conversas particulares das redes sociais vazadas, proferiu as seguintes palavras, com tonalidade de indignação, frente à derrota do seu candidato nas eleições municipais do Brasil de 2020:

Da direita, quanto mais morrerem de Covid-19, de tudo, Aids, câncer fulminante, pra mim, melhor é. Já que a gente não pode fuzilar, então que vão

¹⁹ Que até o momento que escrevo essas linhas, não chegou ao final.

na praça fazer bandeiraço (sic) e, se Deus quiser, morram tudo de Covid. Adultos, mulheres, idosos e crianças, não vale um, não se salva um.

Quando começou o Covid eu pensei: lindo, maravilhoso, vai morrer um monte de velhos. Velhos são machistas, racistas, reacionários, conservadores e o PT vai se reeleger. Eu acho ótimo porque eu não tenho nenhuma afinidade com velho, não tenho saco pra gente velha. A partir do momento em que você não consegue se atualizar para viver nesse mundo, de fato você é um peso na terra e deveria estar morto. Sempre são uns caras moralistas, conservadores, escrotos. Então vai ser bom, vai agilizar, porque eu estou achando que poucos estão morrendo. Não conseguimos nos eleger nas capitais ainda. Tem que morrer mais. Uma hora vai morrer o suficiente pra gente ganhar. Tem que morrer (DA DIREITA, 2020).

Por fim, no mês seguinte, em janeiro de 2021, a produtora de vídeos de comédia “Porta dos fundos” divulgou um trabalho por meio do qual também é possível relacionar o contexto da pandemia de COVID-19 com um maior escancaramento do etarismo, a partir do preconceito racionalista. O vídeo, ambientado por quatro personagens, o filho (Fernando), a mãe (Dona Isabela, de 57 anos), que não aparece e duas colegas de trabalho do filho, retrata uma situação que tem como plano de fundo uma reunião de *home office* (PORCHAT, Fabio *et al.*; 2020.).

Em sete segundos de reunião, a mãe interrompe as saudações de abertura do filho e faz um comentário banal. Ele se constrange e diz: “eu estou trabalhando aqui, mamãe. Tome o celular aqui. [...] Vai brincar com ele, tá? Brinca com ele bonitinho, que eu vou trabalhar aqui um segundinho, tá?”. Uma das participantes da reunião intervém, preocupada por Fernando deixar sua mãe usar sozinha o celular. A outra colega de trabalho também questiona a falta de supervisão. O filho, então, diz não haver necessidade disso, pois sua mãe tem 57 anos, mas é interrompido novamente: uma das personagens diz ser exatamente nessa idade que o uso do celular sem supervisão não seria recomendado, já que a mãe poderia receber *fake news* pelas redes sociais.

Em seguida, quando Fernando, mais uma vez, foi defender sua mãe das preocupações excessivas das colegas de trabalho, ele a presencia tomando Cloroquina e a repreende. Ela retruca, com voz trêmula: “mas está todo mundo tomando!”, e o filho diz: “mas você não é todo mundo!”.²⁰ O vídeo, intitulado “Responsável”, sofreu críticas até mesmo de fãs, especialmente pela forma infantil com que a mulher de 57 anos foi retratada no vídeo e tratada pelo filho.

O historiador Valerio Arcary notou essa desconsideração com os idosos nos círculos mais à esquerda do pensamento político:

Na esquerda a idealização dos velhos militantes é uma atitude simpática, mas não é honesta. Ser um veterano não faz de ninguém um sábio. A esquerda não

²⁰ As falas dos personagens foram transcritas para a língua culta.

deve ser liderada por uma gerontocracia. Seria uma deformação perigosa não abrir o caminho para a colaboração e convivência de várias gerações.

Mas, desconsiderar a valiosa experiência acumulada e deslocar os mais velhos é uma miopia política. A desconsideração das lições deixadas pelas lutas dos que vieram antes de nós é uma forma de empirismo, um elogio prepotente da ignorância. A ideia de que os problemas do tempo presente são sempre desafios, inteiramente, novos é uma forma obtusa e imediatista de pensar. As analogias são sempre instigantes. Aprender a ouvir exige paciência, uma das qualidades da inteligência.

Dramatizar o envelhecimento é um desastre, mas romantizá-lo, não é um bom critério. A velhice fragiliza, em graus variados, os indivíduos. Quem deixa de ser escutado acaba por desistir de compartilhar. A esquerda não pode prescindir dos seus militantes mais experimentados. Tampouco pode alimentar a ilusão de que os quadros veteranos continuarão a cumprir o mesmo papel (ARCARY, 2021).

Em contrapartida, as sociedades mais conservadoras parecem ser ambientes socialmente menos hostis aos sêniores, do que as sociedades progressistas. O conservadorismo filosófico, ao menos, é um convite à participação dos idosos na vida social. Como disse Edmund Burke:

A sociedade é de fato um contrato. Contratos secundários sobre objetos de interesse meramente ocasional podem ser dissolvidos à vontade – mas o Estado não deve ser nivelado a um acordo de parceria em um negócio de pimenta e café [...]. Deve ser visto com outra reverência, porque não é uma parceria de coisas pertinentes apenas à existência animal [...]. É uma parceria de todas as ciências; de todas as artes; de todas as virtudes e toda a perfeição. Como as finalidades de tal parceria não podem ser obtidas em muitas gerações, torna-se uma parceria não só entre aqueles que estão vivos, mas entre aqueles que estão vivos, aqueles que estão mortos, e aqueles que estão por nascer. Cada contrato de cada Estado em particular é apenas uma cláusula no grande contrato primordial da sociedade eterna (BURKE, 2017, p. 154).

De fato, os idosos são comumente conhecidos por serem apegados aos valores tradicionais, além de não possuírem a obrigatoriedade de votar, o que os torna um eleitorado potencialmente perdido, assim como as crianças, desprovidas do direito ao voto e controladas, em grande medida, pelo círculo tradicionalista da família nuclear. O ceticismo (OAKESHOTT, 2018.) e o pessimismo políticos (SCRUTON, 2015.), muito comuns na velhice, são, com efeito, atributos de um conservador. A relação entre velhice e conservadorismo, desta forma, é plausível.

Conclusão

Pelas evidências apresentadas, é possível concluir que a sensação de atemporalidade, fenômeno característico das sociedades liberais descrito pelos autores trabalhados na primeira parte do artigo, de fato vem afetando a harmonia geracional. O antinatalismo, os movimentos pela descriminalização do aborto, o desenvolvimento de certos ramos da genética humana e as demandas mais recentes do movimento *childfree* podem ser vistos, portanto, como sintomas desse fenômeno entre jovens e as potenciais

gerações futuras. Por outro lado, a rejeição *a priori* do conhecimento empírico vem afetando a harmonia geracional entre jovens e idosos, como pôde ser visto na terceira parte do artigo. Esse etarismo racionalista difundido nas sociedades liberais, sobretudo progressistas, deve ser entendido, no entanto, como um resultado imprevisto das ações deliberadas, não como um efeito planejado (BOUDON, 1979.).

Para reverter parte dessa desconexão geracional e, conseqüentemente, reduzir a difusão do preconceito geracional, alguns especialistas aconselham promover atividades que possibilitem a integração entre indivíduos de idades distintas. José Carlos Ferrigno, por exemplo, evidencia a importância do cultivo e transmissão da memória, defendendo o lazer e a troca de experiências para reduzir a segregação entre pessoas de idades bastante distintas (FERRIGNO, 2015a; FERRIGNO, 2015b.). A compreensão da importância das experiências acumuladas pelos indivíduos ao longo da história, que formaram o senso comum e as tradições, devem ser vistas mais como um conhecimento construído espontaneamente, em um processo de tentativa e erro, de baixo para cima, a partir das necessidades cotidianas, do que simplesmente uma imposição conspiratória sociocultural de grupos dominantes. Não se trata de consagrar os argumentos da vivência e o do local de fala como irrefutáveis e, por meio deles, tentar sempre ter razão, impedir a manifestação livre de ideias e defender uma gerontocracia. Isso seria um engano e uma desonestidade intelectual. Todavia, saber separar o preconceito inevitável e necessário do preconceito perverso e muitas vezes letal é um exercício e um desafio fundamental para promover a fraternidade geracional hoje e no futuro.

Referências Bibliográficas

- AQUINO, São Tomás de. (2018), *Suma teológica*. Tradução de Alexandre Correia. Campinas, Ecclesiae.
- ARANTES, Paulo Eduardo. (1994), *Um departamento francês de ultramar*. São Paulo, Paz e Terra.
- ARCARY, Valerio. (2021), “Militância e envelhecimento”. *Revista Fórum*, 24 jan. (caderno Opinião). Disponível em <https://revistaforum.com.br/rede/militancia-e-envelhecimento-por-valerio-arcary/>, consultado em 29/07/2021.
- ARISTÓTELES. (2018), *Ética a Nicômaco*. Tradução, textos adicionais e notas de Edson Bini. 4a edição, São Paulo, Édipro.
- AUBERT, Nicole. (2003), *Lê culte de l'urgence: la société malade du temps*. Paris, Flammarion.
- BAUMAN, Zygmunt. (2008), *Vida para consumo: a transformação das pessoas em mercadorias*. Tradução de Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editora.
- BEAUVOIR, Simone de. (1967), *O segundo sexo: a experiência vivida*. Tradução de Sérgio Milliet. 2a edição, São Paulo, Difusão Europeia do Livro, v. 2.
- BEAUVOIR, Simone de. (2018), *A velhice*. Tradução de Maria Helena Franco Martins. 2a edição, Rio de Janeiro, Nova Fronteira.
- BLACKSTONE, Amy. (2019), *Childfree by choice: the moviment redefining family and creating a new age of independence*. New York, Dutton Books.
- BOUDON, Raymond. (1979), *Efeitos perversos e ordem social*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar.
- BOUDON, Raymond. (1995), *Tratado de sociologia*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editora.
- BOUDON, Raymond. (2005), *Os intelectuais e o liberalismo*. Tradução de Francisco Agarez. Lisboa, Gradiva.
- BOUDON, Raymond. (2010), *O relativismo*. São Paulo, Edições Loyola.
- “COMPANHIA aérea indica onde crianças vão sentar para passageiros fugirem de choro em voo”. (2019), *Gazeta do Povo*, 01 out. (caderno Turismo). Disponível em

<https://www.gazetadopovo.com.br/viver-bem/turismo/aqui-nao-entra-crianca-conheca-5-hoteis-brasileiros-exclusivos-para-adultos/>, consultado em 29/07/2021.

“DA DIREITA, quanto mais morreram de covid, melhor”, diz professora de escola pública”. (2020), *Gazeta do Povo*, 10 dez. (caderno Educação). Disponível em: <https://www.gazetadopovo.com.br/educacao/da-direita-quantos-mais-morrerem-de-covid-melhor-diz-professora-de-escola-pubica/>, consultado em 29/07/2021.

DALRYMPLE, Theodore. (2015), *Em defesa do preconceito*. Tradução de Maurício G. Righi. São Paulo, É Realizações.

DENEEN, Patrick J. (2020), *Por que o liberalismo fracassou?* Tradução de Rogerio W. Galindo. Belo Horizonte, Âyiné.

FERRIGNO, José Carlos. (2015a), *Coeducação entre gerações*. 2a edição, São Paulo, Edições SESC SP.

FERRIGNO, José Carlos. (2015b), *Conflito e cooperação entre gerações*. São Paulo, Edições SESC SP.

GIRALD, Theophile de. (2001), *The chilfree Christ: antinatalism in early christianity*. [s.l.], Amazon Digital Services LLC – KDP Print US.

GUERRA, Andréa. (2006), “Do holocausto nazista à nova eugenia no século XXI”. *Ciência e Cultura*, São Paulo, 58, 1: 4-5.

HAYEK, Friedrich A. (2013), *Individualismo: el verdadero y el falso*. Madrid, Union Editorial S.A.

HIMMELFARB, Gertrude. (2011), *Os caminhos para a modernidade: iluminismos britânico, francês e americano*. Tradução de Gabriel Ferreira da Silva. São Paulo, É Realizações.

JOHNSON, Paul. (2009), *Intelectuais*. Lisboa, Editora Guerra e Paz.

KATEŘINA, Lochmanová *et al.* (2020), *History of antinatalism: how philosophy has challenged the question of procreation*. [s.l.], Amazon Digital Services LLC – KDP Print US.

LEWIS, C. S. (2017), *A abolição do homem*. Traduzido por Gabriele Greggersen. Rio de Janeiro, Thomas Nelson Brasil.

MAFFESOLI, Michel. (2000), *L'instant eternal: lê retour du tragique dans lês sociétés postmodernes*. Paris, La Table Ronde.

MILL, John Stuart. (2017), *Sobre a liberdade e a sujeição das mulheres*. Tradução de Paulo Geiger. São Paulo, Penguin Classics/Companhia das Letras.

MISES, Ludwing von. (2010), *Ação humana*. São Paulo, Instituto Ludwing von Mises Brasil.

OAKESHOTT, Michael. (2018), *A política da fé e a política do ceticismo*. Tradução de Daniel Lena Marchiori Neto. São Paulo, É Realizações.

“O QUE é cringe? Entenda a expressão que viralizou na internet”. (2021), *Istoé*, 23 jun. (caderno Giro). Disponível em <https://www.istoedinheiro.com.br/o-que-significa-criнге-entenda-a-expressao-que-viralizou-na-internet/>>, consultado em 29/07/2021.

PORCHAT, Fabio *et al.* (2021), “Responsável”. *Porta dos fundos*, Rio de Janeiro. Disponível em <https://www.portadosfundos.com.br/video/responsavel>, consultado em 29/07/2021.

PRETAO OPINIÕES (@fodaseopreton). (2021), “O punk”. *Twitter*, 07 jul. Disponível em <https://twitter.com/fodaseopreton/status/1412764233994059776>, consultado em 10/08/2021.

SANTIAGO, Henrique. (2020), “Aos 62 anos, Madona já é vítima de etarismo: redes sociais aumentam preconceito”. *Uol*, 16 ago. (caderno Comportamento). Disponível em: <https://tab.uol.com.br/noticias/redacao/2020/08/16/etarismo-por-que-ofender-madonna-pela-sua-idade-e-um-retrocesso.htm>, consultado em 29/07/2021.

SCRUTON, Roger. (2015), *As vantagens do pessimismo: e o perigo da falsa esperança*. Tradução de Fábio Faria. São Paulo, É Realizações.

SILVA, M. F. *et al.* (2021), “Ageism against older adults in the context of the COVID-19 pandemic: an integrative review”. *Revista de Saúde Pública*, 55, 4. DOI: <https://doi.org/10.11606/s1518-8787.2021055003082>.

TOCQUEVILLE, Alexis de. (2000), *A democracia na América: sentimentos e opiniões de uma profusão de sentimentos e opiniões que o estado social democrático fez nascer entre os americanos*. Tradução Eduardo Brandão. São Paulo, Martins Fontes, v. 2